



A Alternativa está ao Alcance das Mãos

STEFANO HARNEY, FRED MOTEN
E STACY HARDY

Texto publicado originalmente como “The alternative is at hand” em *The Chronic*¹, em 6 de janeiro de 2015.

Trabalhando de dentro da tradição negra radical, Fred Moten e Stefano Harney oferecem uma moldura que permite repensar conceitos como políticas públicas e planificação, crítica e estudo, dívida e crédito, governança e logística – eles nos convidam a imaginar e fazer a vida social outramente. Stacy Hardy falou com eles sobre a globalização e a profissionalização da educação, assim como sobre a possibilidade de encenar a revolução “com e para” a universidade.

¹ *The Chronic* é um diário trimestral publicado por Chimurenga:
<https://chimurengachronic.co.za/>

Stacy Hardy: Na universidade, estudos negros são tradicionalmente vistos como um tema. Vocês os propõem como método – uma maneira de trabalhar. Vocês podem falar mais sobre essa metodologia?

Fred Moten e Stefano Harney: Ultimamente, andamos preocupados em articular a distinção entre estudos negros como uma modalidade de empreendimento acadêmico (inter-)disciplinar e estudo negro enquanto força irregular e antidisciplinária de pensamento, performance e habitação.

Estudo negro é a modalidade irredutivelmente social de concernimento que a negridade põe em ato em sua diferenciação constante e preservadora de si e a partir de si. Laura Harris a chama de socialidade estética; RA Judy a chama de socialidade poética. Nós a pensamos como um tipo monástico e cenobítico de coisa – uma mongidade theloniana², e não beneditina. As leis que ela produz são contra o governo, são contra as regras. É algo que acontece em igrejas, mas também em clubes; acontece em celas e nos porões dos navios. Persiste, sob constrangimento, como criticismo e celebração.

Stacy: À medida que aumenta a privatização do conhecimento e sua transformação em mercadoria, ouvimos, cada vez mais, chamados para a proteção do acesso não-estatal e não-mercadológico como um recurso vital – o conhecimento (do) comum ou o creative commons que todas partilhamos. Qual é a diferença entre os comuns e os subcomuns que vocês propõem?

2 NT. No texto em inglês "*thelonia*", em referência ao compositor e musicista, o pianista de jazz Thelonious Monk. A frase faz também um jogo com o sobrenome Monk que significa monge

Fred e Stefano: É verdade que as universidades estadunidenses, assim como as universidades europeias, canadenses e australianas, empregam certa visão da acumulação capitalista por meio da expansão e da ocupação fortificada em territórios invadidos e ocupados. No entanto, essa expansão do ensino superior é também um bom exemplo da evolução das classes dos *compradores*³ em muitos dos lugares por onde elas estão se expandido e da solidificação de uma classe do capitalismo global por meio das finanças (e da propriedade).

Não devemos esperar que a universidade se comporte de uma outra maneira qualquer. Ela serve a essa classe, até mesmo quando parte do serviço é a produção de outras classes laborais. Essa expansão não deve ser vista a partir da perspectiva da universidade. Isto é, trata-se de uma perda de tempo perguntar se tal expansão vai de encontro à missão da universidade, seus compromissos e até mesmo sua viabilidade.

Ao invés, essa expansão deveria ser entendida como oportunidade de expansão de nosso antagonismo por meio do estudo com outras pessoas, num campo expandido do trabalho acadêmico e assim, conseqüentemente, por meio de um antagonismo expandido contra o crédito e pelo acolhimento do endividamento mútuo enquanto uma condição.

3 NT. Em inglês, o termo português “comprador” é utilizado para descrever a classe burguesa em contextos (pós-)coloniais que está fundamentalmente a serviço dos interesses estrangeiros, muitas vezes em oposição às burguesias nacionalistas. O termo é emprestado do português precisamente por se tratar de um fenômeno inerente e até mesmo originário da colonização portuguesa e brasileira, de modo a determinar uma das manifestações possíveis do capital: “o capitalismo de comprador”. Em sobrevoos, podemos descrever o capitalismo de tipo comprador por meio de um sistema de operações comerciais de compra da produção local a preços extrema e forçosamente baixos e posterior revenda internacional, por meio de formas de atravessamento e usurpação econômica para acúmulo próprio e em concordância com os interesses internacionais.

Stacy: Vocês traçam distinções similares entre estudo e crítica, políticas públicas e planificação – vocês podem falar mais sobre as diferenças entre esses termos?

Fred & Stefano: Parece haver uma forma de violência que acompanha aquilo que Angela Mitropoulos chama de democratização da soberania. Nós chamamos essa violência, ou mais do que isso, seus protocolos e privilégios, “políticas públicas”. Para um número cada vez maior de pessoas que se expande que reivindica hoje soberania e ocupação, essas políticas se transformam em uma maneira de provar essa soberania, asseverar uma autodeterminação violentamente antissocial de estar contra o que Denise Ferreira da Silva chamaria de corpos afetáveis, entidades que se abrem umas por meio das outras, umas nas outras, que florescem numa proximidade sempre em devir, sempre desarranjando.

As políticas operam precisamente diagnosticando uma falta de autodeterminação nesses outros seres e, então, crucialmente, prescrevendo um ‘remédio’ para consertar as pessoas sobre as quais se diz haver algo errado. Assim, usamos esse termo (políticas) porque não estamos apenas falando sobre a longa história da governamentalidade e da biopolítica organizada ao redor de especialistas e instituições, mas; também, de uma nova auto-delegação entre esses colonos que se autodeclaram soberanos. A face crua disso é a legislação estadunidense *Stand your ground*⁴. Mas, ainda mais insidiosa é a ampla proliferação de programas

4 NT. Nos Estados Unidos a expressão “*Stand your ground*” (mantenha a sua posição/território) remete à ideia de legítima defesa. Isto é, de que frente a determinadas situações de ameaça, o uso de força letal se torna legítimo como forma de autodefesa, proteção da propriedade e integridade física de si e outrem, de modo a que não haja uma obrigação formal de retroceder, recuar e nisso, abre-se um vão de interrupção do agir em conformidade às leis.

de autoajuda, desenvolvimento, dietas, programas educacionais e psicológicos que começam com o seguinte diagnóstico: eu sou normal ou eu superei a afetabilidade, e são as outras pessoas que devem ser mudadas. Outra derivação disso, talvez mais ineficiente, é a proliferação de blogueiros políticos que têm políticas a oferecer para todas as outras pessoas; já uma mais efetiva, é a proliferação de ONGs, cuja premissa é de que há algo de errado com comunidades inteiras. Esses fatores de ‘políticas’ são o equivalente dos Knight Riders no velho Sul dos Estados Unidos da América do Norte – justiceiros racistas produzindo uma lei soberana por meio do terrorismo; só que a ‘democratização’ desses justiceiros significa que agora são um perigo em toda a parte.

Contra esses justiceiros, começamos pela premissa de que não há nada errado com as pessoas, e isso nos permite, acreditamos, estar em sintonia com a planificação em curso, com o estudo já encaminhado, entre as pessoas; o falar e o andar por aí com outras pessoas, trabalho e dança e sofrimento, alguma convergência irreduzível dessas três ações, reunidas sob o nome de prática especulativa. A noção de um ensaio – estar em um tipo de ateliê, tocar numa banda, numa sessão de improvisação, uns velhos sentados na varanda, ou pessoas trabalhando juntas na fábrica – há esses modos variados de atividade. Chamar isso de “estudo” serve para marcar o fato de que a incessante e irreversível intelectualidade dessas atividades já está presente. A maior parte disso passa despercebida pois não assume a forma de uma ‘crítica propriamente dita’, o que quer dizer que está menos vulnerável a ser pervertida em um diagnóstico de que quaisquer problemas que encontramos se devem ao fato de haver algo de errado com aquela gente lá. E, no fim, as pessoas lá. Tais políticas ora serão efetivas em mudá-las ou em realocadas a uma zona de exclusão.

Stacy: O neoliberalismo fez da competição o princípio de organização da sociedade. Cortes feitos por governos no orçamento das universidades fazem com que departamentos, institutos e funcionários tenham que competir cada vez mais por recursos se quiserem sobreviver. Há uma atmosfera de inveja – foca-se em status e se pensa em hierarquias, e combina-se a isso o desejo de ser parte de uma tendência –, que é uma característica da academia. Como é possível escapar da adoção do modelo competitivo do neoliberalismo e ainda sobreviver no interior do atual meio acadêmico de corte de cabeças?

Fred & Stefano: Nós tendemos a ver o neoliberalismo de uma maneira diferente – não como a imposição, e sim como a supressão da competição. É algo que se manifesta não somente no impulso oligárquico, monolítico, que anima as diretrizes das políticas econômicas e políticas do neoliberalismo, mas também em formas de ‘inclusão’ e ‘democratização’ brutalmente excludentes, em que a imposição de interesses nas pessoas cuja legítima atitude em relação à ordem já existente é antagonista, serve para produzir uma submissão generalizada às políticas públicas. O neoliberalismo acentua e administra mais agressivamente a desliberdade que sempre caracterizou o ‘livre mercado’ na teoria e na prática. No entanto, a esse respeito, trata-se de uma filosofia do policiamento das relações, na qual a regulação do empobrecimento é imaginada e encenada. Certamente, esse tipo de regulação aparece na e como a dispersão de todo tipo de peculiaridades tristes e egocêntricas. Mas esse é um fenômeno secundário que responde às formas insurgentes da partilha empenhada pelos pobres de espírito que são, como vocês sabem, abençoados em sua recusa

do próprio⁵. Essa benção está no impulso e na virada fugitivas que temos tentado ampliar. O plano de escape, a evasão da fantasia, é o seu recurso próprio e sua própria recompensa. Nós tentamos honrar a história de quem consentiu a isso. Nós estamos interessados em como as pessoas continuam refazendo o mundo em autodefesa. Nos estamos interessados nisso porque, na medida em que não temos interesse algum, estamos interessados na revolução. Considerando isso, o entendimento de Huey P. Newton acerca da relação necessária entre autodefesa e revolução, que se movia em conjunção com as suas rigorosas análises do império neoliberal, é de máxima importância para nós.

Stacy: O abono sobre o conhecimento rentável vincula a universidade com o estado, as empresas, CEOs e doadores abastados. De que maneira, como acadêmica, pode se escapar de simplesmente servir a esses senhores?

Fred & Stefano: Essa pergunta nos faz lembrar de como começamos a trabalhar juntos – ao examinar a universidade como local de trabalho, enquanto lugar onde as pessoas trabalham –, e ninguém lá o faz mais do que as estudantes, cujo trabalho é também o mais dispensável e desvalorizado, a cujo trabalho é dado crédito apenas para então ser jogado fora, e cujo crédito está calibrado à dívida massiva. Portanto, a primeira coisa que poderia se dizer é que acadêmicas, estudantes e quaisquer outras pessoas que trabalhem na universidade, deveriam desenvolver um antagonismo em relação ao

5 N. T.: No texto em inglês a palavra utilizada é “*proper*” que, para os autores aparece no sentido de algo que extrapola a palavra por meio de uma compreensão sobre a ideia de sujeito apropriado, sujeito da propriedade, dono-de-si. Para maiores detalhes, ver *All Incomplete, Study* (Nova Iorque: Minor compositions/Autonomedia, 2021). [Ed. Bras.: Tudo incompleto. Trad. Victor Galdino e início da silva. São Paulo: GLAC (2023).]

crédito, deveriam lutar pela abolição do crédito e pelo acolhimento da dívida. Aqui, é importante dar um passo atrás em relação à maneira dominante como a dívida é entendida hoje e à política de ‘jubileu’ que provêm desse entendimento – um entendimento econômico e, portanto, no nível mais básico, um entendimento capitalista da dívida. Este entendimento despedaça as formas sociais de dependência, responsabilidade, herança e futuridade, extraindo o econômico do social e, por conseguinte, degrada a totalidade da condição de endividamento social, a nossa maior riqueza.

Quando pensamos sobre a dívida que temos com parentes ou com lideranças comunitárias, musicistas, pintoras e poetas, colegas de trabalho, ou aquelas pessoas que construíram rodovias e pontes, plantaram árvores e cultivaram plantações, destituindo essas dívidas de valor porque elas não podem ser pagas, e valorizamos formas de dívida que podem de fato ser pagas, que podem ser a fonte de um balanço contábil feito de créditos e dívidas e que instiga o trabalho sem fim. É necessário ver a dívida econômica enquanto abstração burguesa dessa dívida social real, e ver o crédito como a sua arma; é necessário rejeitar esse tipo de coisa e fazer um chamado por uma condição de endividamento mútuo, absorver o econômico e devolvê-lo a essa condição de endividamento social, à dívida que não pode ser creditada ou paga, uma dívida da qual ninguém gostaria de ser reembolsado por completo, ou de pagar por completo, uma dívida que expande nossa imaginação do poder social que esboçamos a partir da história e de cada uma de nós. Por um antagonismo do crédito e um cultivo da dívida! Isso não está a serviço dos senhores.

Stacy: Universidades vêm cada vez mais envolvendo as comunidades do mundo não-acadêmico sob o disfarce de iniciativas da sociedade civil e ONGs – que, por sua vez, financiam diversos programas de pesquisa. Quais são os perigos disso?

Fred & Stefano: Organizações não-governamentais, ao menos as ONGs mainstream são bem conhecidas como laboratórios de governança. Nós usamos o termo governança como algo distinto da governamentalidade e do governo, pois mesmo se este termo contém elementos destes outros, certamente ainda não os substituiu inteiramente. De todo modo, a governança está emergindo como uma forma biopolítica de controle com algumas novas características.

De certo se trata de um mecanismo, no sentido capitalista, de comparação expandida. Aqueles que reivindicam ter conquistado a maestria da arte da governança podem sair da direção de universidades para a direção de ONGs para a direção de corporações para a direção de estados. Mas esse não é o seu recurso mais interessante. A governança não se fia no conhecimento especializado (que não pode se expandir o bastante), nem em categorias legais ou que digam respeito à propriedade, tampouco de categorias ideológicas. Em outras palavras, ela não opera como governamentalidade, nem governo, nem sequer como nação, raça ou patriarcado heteronormativo, apesar de estar frequentemente posta a serviço de tudo isso. A governança opera sem um território e, nesse sentido, partilha uma ambição com o capital global, algo que essas outras operações de controle produtivo não fazem. Na governança, as pessoas não são e não estão organizadas em torno de interesses pré-definidos, mas se supõe que elas tragam, de maneira desinteressada, seus

interesses à mesa de negociação, de modo a provar que entendem a governança como algo desprovido de qualquer outro interesse que não a efetividade e a eficiência.

Se pensarmos o caso das ONGs, a governança é hoje em dia o seu éthos real. Elas não mais pretendem falar para as pessoas que precisariam de conserto, mas sim tornar possível que essas pessoas, que supostamente precisam ser consertadas, falem por si mesmas (como primeiro passo para o conserto). E, ao falarem por si-mesmas, essas pessoas articulam e definem seus interesses e colocam esses interesses na mesa de maneira desinteressada.

Em uma época na qual o capital está minerando – poderíamos dizer bio-prospectando – por mais e mais de nossas capacidades sociais e de nossas ressonâncias afetivas e criativas, esse voluntarismo de interesses por meio da governança é um viés para o capital que se dispõe trazer à superfície, tornar visíveis tais capacidades e ressonâncias, e pô-las para trabalhar. Nesse sentido, a ONG é um laboratório móvel para a universidade, mas também um avanço em direção à universidade, que segue ainda limitada pela expertise, ao menos no domínio da governança.

Stacy: Um dos produtos da profissionalização da universidade são os institutos de pesquisa que, como unidades e programas amplamente dedicados à pesquisa de alto calibre, operam dentro da universidade, mas de maneira independente. É fácil ver a sedução desses programas. Parte da linguagem usada por eles poderia facilmente ser encontrada no livro de vocês. E, ainda assim, esses programas se mantêm firmemente entrincheirados na agenda capitalista da universidade neoliberal. Como se pode escapar dessa sedução?

Fred & Stefano: Às vezes, parece que o tipo de institutos que você descreve estão sendo dirigidos pela ideia de que é necessário sequestrar o estudo ou, mais precisamente, de proteger o estudo das estudantes. Para o corpo docente, essa ideia leva à busca eterna pelo financiamento de ouro; mas é aí que o desejo pelo avanço profissional e pela aprovação, combinados ao sentido de que o verdadeiro trabalho só pode ser realizado se for protegido das incursões estudantis, de suas reivindicações de tempo e contato, é agravado de maneira maligna por um ethos paradoxalmente antissocial de trabalho em equipe e solução de problemas, desenhado para agregar valor ao trabalho acadêmico, tornando-o útil para o capital. Nós pensamos essa tendência como sendo antissocial porque, nesse regime, o egoísmo é acentuado ao invés de ser atenuado. Nós seguimos acreditando que a autêntica vida social e intelectual, em todas as suas inerentes incalculáveis diferenças e complexidades, ocorre em uma frequência maior nas relações desreguladas dos institutos, que é outra maneira de falar sobre as relações subcomuns, lá onde escapar é, de maneira um tanto literal, algo essencial.

Stacy: Interdisciplinaridade é atualmente a palavra da vez na pesquisa acadêmica. Muitas universidades estão estabelecendo novas unidades interdisciplinares dada a emergência de novas necessidades e profissões. Como as ideias que vocês têm de colaboração, solidariedade, conexão e insurreição são diferentes da interdisciplinaridade?

Fred & Stefano: Tendemos a pensar a interdisciplinaridade como uma modalidade da estrutura disciplinária das ciências humanas. É algo que acaba ampliando o que

pretendia combater, e os administradores da universidade corporativa entendem isso perfeitamente, logo o entusiasmo deles em relação a isso. A galera que está tentando pensar na (o que significa dizer, pensar em uma saída da) universidade tem que se mover pelas aberturas que existem entre a cruz da interdisciplinaridade e a espada contra-reacionária empunhada por quem pensa que as humanidades podem ser salvas por um retorno às disciplinas. Esse pseudo-conflito não nos diz respeito. Estudo negro é um comportamento do e em direção ao antagonismo geral. É uma crítica dos objetos e dos métodos das ciências do homem até, mesmo quando na criação de sua meta própria, ricamente diferenciada. Uma das razões pelas quais distinguimos Estudo Negro [Black Study] dos Estudos Negros [Black Studies] é para que possamos articular, de maneira mais efetiva, a história do pensamento, cujo conflito/cuja mistura das faculdades busca(m) regular.

Stacy: Podemos observar um aumento na significância da certificação do conhecimento especializado por meio do selo de aprovação de instituições acadêmicas – bacharelados / mestrados / doutorados, clusters de excelência e centros de pesquisa colaborativa e de tudo isso parecem se erigir barreiras contra o avanço social das margens, contra aquilo que é feito por si, é construído na improvisação e no conhecimento situacional. Como se pode trazer o conhecimento informal para a universidade sob tais condições?

Fred & Stefano: A universidade está, como sempre esteve, mergulhada no e animada pelo conhecimento informal, que explora e tenta regular. Nós acreditamos que a formulação da pergunta poderia ser de como retirar

o conhecimento informal da universidade e reconectá-lo com o conhecimento informal que sempre existiu fora da universidade. Talvez a universidade possa ser melhor entendida como um refúgio temporário para uma certa modalidade de pensamento. Em seu melhor, é um buraco feito na parede. Se considerarmos isso, não faz qualquer sentido estar a favor ou contra ela; ao invés disso, somos convocados a encontrar uma maneira de estar com e para a sua expansão até o cume, até no ponto de sua desapareição. Parte de nós tem sorte o bastante para ter acesso ao espaço e ao tempo e à companhia das pessoas que estão reunidas por lá; parte de nós começou a pensar que o acesso aberto a essas coisas é um imperativo absoluto; e parte de nós está agora pensando que o acesso aberto à universidade será sua digna e desejável queda. A proliferação de linhas de fuga em direção à e saindo da universidade terá encenado uma permeabilidade absoluta, que é a consumação a ser desejada com devoção. Ao se chegar nesse ponto, a atualidade da especificidade desse lugar especial para o estudo estará em nenhum lugar e em tudo quanto é lugar.

Stacy: Temos visto um profusão de protestos em universidades ao redor do mundo e, mesmo assim, a mobilização não vêm surtindo efeitos nas políticas governamentais. Vocês vêm alguma esperança em protestos e revoltas como meios de transformação?

Fred & Stefano: Queremos uma nova reivindicação; queremos seguir pressionando a velha-nova poética da demanda esbanjadora, formas revoltosas de cantar com e dançar para. Há sempre uma revolta acontecendo, e tudo bem. Como poderíamos estar contra isso? Nos recusamos ser contra o que somos. Queremos é nos curtir e, em todo

caso, esse é um imperativo absoluto, justamente porque queremos seguir nos tornando, seguir fazendo, o que somos. A revolução na linguagem (poética) é, certamente, parte disso. Vivemos uma longa história da reivindicação sentimental; não temos o direito e em todo caso, não há a necessidade, de renunciar a nada, a uma única palavra, a um único levante revoltoso de nossos punhos ou pés ou de nossas vozes. Só precisamos seguir tentando protestar melhor, para nos sentir melhor, muito além do ponto de ter chegado aonde, ou no que, pensávamos querer chegar.

Stacy: Vocês se recusam a ser contra ou a favor da universidade, ou do acadêmico crítico como o ator que sustenta a lógica vigente do “para e contra”. Ao mesmo tempo, vocês convocam à revolução para dismantelar a estrutura opressiva. Vocês podem falar sobre esse conceito de uma revolução que não está nem a favor e nem contra, mas que é o que vocês descrevem como “com e para”?

Fred & Stefano: Voltemos para Newton e ao Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa. Os Panteras eram revolucionários e eles eram pela autodefesa. Agora, se pensar bem nisso, você se dá conta de que está na presença de um novo tipo de pensamento revolucionário, no entanto, só que baseado na longa tradição da tradição radical negra. O pensamento revolucionário para Robespierre, assim como talvez para Toussaint, e para Lenin, e talvez para Cabral, tende a envolver a produção de um novo homem revolucionário e, às vezes de uma nova mulher, assim como à destruição do velho, como diria Fanon. Mas, com os Panteras, autodefesa é revolução, quer dizer, o esforço de preservar e estender um modo de vida negra contra a ocupação e a segregação violentas; nesse sentido, todo o

Movimento dos Direitos Civis no EUA poderia ser entendido como um movimento para a autodefesa. Isso é o que poderia significar ser para e com, com as pessoas, como os Panteras diriam, assim como para sua autodefesa.

A destruição e novidade do mundo antagonista previne o desenvolvimento da já de fato existente vida social (negra). Agora, a/o acadêmica/o crítica/o não pode fazer parte disso. Ela ou ele traz esse tipo de lógica do a favor ou contra para dentro da revolução, e começa a criticar a vida social que já é de fato existente, ou divide as coisas entre o que ela ou ele deve ser a favor e o que deve ser contra. Pode ser que o estudo demande autodefesa, mas acontece que o estudo é uma forma de autodefesa também; além disso, na medida em que o estudo persiste na universidade, uma forma de autodefesa persiste na universidade, e essa seria uma razão para ficar, não para consertar a universidade, mas para evitar que a universidade tente nos consertar.

Stacy: O que significa nos desengajar criticamente de posições de poder, ao mesmo tempo em que engajamos o poder de modo a explorar posições de influência a serviço da lutas anticoloniais e pela descolonização?

Fred & Stefano: As línguas românicas nos oferecem uma distinção entre tipos de poder que o inglês não consegue bem alcançar. A distinção que Foucault faz entre *pouvoir* (poder) e *puissance* (potência), à qual [Giorgio] Agamben corresponde quando distingue “*potere*” de “*potenza*”, ajuda a pensar e viver a diferença entre a necessária degenerescência da soberania – cuja intensificação-em-dispersão significa que ela sequer consegue proteger a si mesma – e a irredutível generatividade da insurreição — em que a autodefesa e a despossessão de si estão

totalmente amarradas uma à outra. Pensar e viver essa diferença – fazer uma opção preferencial pelas pessoas insurgentes, as pobres nas quais o poder soberano foi exaurido, em favor de todo um outro fôlego e toda uma outra música – é mover-se de maneira independente em relação à falsa alternativa entre engajar-se com e desengajar-se da soberania. O desengajamento crítico das posições de poder implica um tipo de voluntarismo que, se pudesse (e não pode), afirmaria exatamente aquilo a que se opõe. Nós não sabemos o que significaria se desengajar das brutalidades da soberania, cujos vestígios sempre iremos carregar. Ao mesmo tempo, nós já somos irredutivelmente irredutíveis a essas brutalidades, e a anticolonialidade é dada continuamente, é continuamente revigorada e transformada em nossa performance daquilo que somos, em nossa recusa da influência sob a qual nos encontramos.

A alternativa está ao alcance das mãos.



Uma edição Elemental e Matéria Crítica Apoio Kunsthochschule für Medien Köln
Tradução Arnílcar Packer Revisão Hílário M. S. Zeferino, Victor Galdino
e viníciux da silva Design Diego Crux



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa
“Matéria Crítica para Massa Crítica”, para CASA-ESCOLA,
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

